



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| Ano | 2019 |
| Local | Campus do Vale - UFRGS |
| Título | Corpos Resilientes: Uma Experiência Pictórica |
| Autor | GIULIANO FERRONY BRESSAN |
| Orientador | ADRIANE HERNANDEZ |



XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

| | |
|-------------------|---|
| Evento | Salão UFRGS 2019: SIC – XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTIFICA DA UFRGS |
| Ano | 2019 |
| Local | Campus do Vale - UFRGS |
| Título | Corpos Resilientes: uma experiência pictórica. |
| Autor | GIULIANO FERRONY BRESSAN |
| Orientador | ADRIANE HERNANDEZ |

Nome do trabalho: Corpos Resilientes: uma experiência pictórica.
Nome do autor: Giuliano Ferrony Bressan
Nome da orientadora: Adriane Hernandez
Instituição de origem: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul

Resumo:

Com essa pesquisa comecei a refletir sobre meu processo de produção de imagens e busquei a percepção de questões que habitam o meu imaginário. Nos trabalhos realizados em disciplinas práticas dos primeiros semestres da graduação em Artes Visuais já trazia algumas proposições que foram se afirmando e passaram a repercutir a minha singularidade na produção artística. Uma questão recorrente que abordo é a angústia e a resiliência de corpos despadronizados nas multidiversas paisagens da minha fabulação. Esses corpos estranhos são personagens que ainda, num estágio inicial, não possuem vínculos de pertencimento à sociedade opressora em que habitam. São corpos que não se enquadram de uma maneira fácil no mundo, corpos que se sentem excluídos e rejeitados. A rejeição é algo bem presente no sentimento das minhas personagens. Através das imagens, busco enfatizar a imensa carga emocional e as fragilidades que estes corpos estranhos apresentam, com a sensação de quem cumpre um dever, de quem assume um comprometimento em expor os sentimentos para o observador. Meu repertório artístico faz referência à problemáticas de gênero, de sexualidade e da natureza, num processo pictórico que pode ser definido como catártico e ao mesmo tempo lúcido. O gesto pictórico torna-se uma dança cacofônica que resulta na criação das formas que compõem parte dessa minha identidade frágil, mas resiliente. Utilizo os conceitos de gênero e de sexualidade dentro da acepção foucaultiana, como categorias que surgem a partir de uma construção discursiva. Na mesma linha de pensamento pós-estruturalista de Foucault, a filósofa Judith Butler, a partir do final dos anos 80, incrementa o estudo acerca das definições de gênero que culminaria com o desenvolvimento de uma nova compreensão das identidades *queer*, tema que está na raiz de minha poética, em que se misturam elementos e referenciais estéticos do universo desnormativo com arquétipos desconstruídos da botânica tradicional. Para além das motivações conceituais, múltiplas são as imagens poéticas impulsionadas por influências diretas e indiretas na representação do meu trabalho como as produções artísticas de Jean-Michel Basquiat, Andy Warhol, Leonilson, Leda Catunda, Laerte, Matt Greoging, Madonna, Lady Gaga, Maria Bethânia, Elza Soares, Patrick Church, Matheusa Passareli, Rupaul, Divine, Lana Del Rey, Keith Hering, a poesia delirante de Rimbaud e os diversos artistas e poetas simbolistas do final do século XIX, que, cada qual a sua maneira, contribuíram na desconstrução da forma clássica do belo canônico exaltado na academia. Dentro dessa raiz *queer*, além da cultura *pop*, também trago referenciais estéticos da moda extravagante como o estilo *Camp* e grandes marcas como Gucci e Balenciaga. Nessa celebração alegórica criei múltiplas personagens de todos os tipos, anjos, demônios, fauna, flora, fadas, unicórnios, felinos, corpos LGBTQ+, palhaços, flores animadas e plantas carnívoras com emoções e sentimentos ambíguos. As imagens não deixam de flertar com o humor, porém mantém a melancolia existencial. As formas que compõem minhas pinturas com referenciais na sexualidade e na botânica, não se alinham a padrões estéticos idealizados, de beleza, mas buscam representá-la nas suas infinitas formas e possibilidades de compreensão. Gosto de experienciar artisticamente o excesso e talvez esse seja um dos motivos pelos quais minhas pinturas não agradam de imediato. Experimento excesso de cor, exagero de formas, diversificação no uso de recursos como brilho, textura, formatos, suportes, algo que para muitos talvez represente uma “poluição” visual. Porém, é justamente esse sentimento de desconforto o que busco provocar, um apelo aos sentidos mais do que à razão. Exploro essa perspectiva de beleza singular através da representação de

elementos poéticos de uma natureza corrompida em sua versão idealizada. Meu processo criativo se inicia a partir do momento em que resgato materiais da rua como chapas de madeira e objetos com superfícies planas. Como material de pintura, a tinta guache e a tinta acrílica (de bastão e confeccionada a partir de base acrílica e mistura de pigmentos) estão sempre presentes por serem materiais mais acessíveis e de secagem rápida. A concepção conceitual e estética do meu trabalho se dá de forma natural no meu simples andar pela rua observando os acontecimentos do dia a dia das pessoas e dos grupos que se vêm hostilizados, acuados e cheios de incertezas. Esse processo coloca-me como um artista que interroga permanentemente a realidade que o envolve sem nunca abrir mão da postura resiliente e da luta por um mundo mais inclusivo.